Exatamente Onde Você Está

Eles pretendiam dar conta sozinhos.
Não esperavam querer ficar juntos.



Laura Bellini

Exatamente Onde Você Está

Eles pretendiam dar conta sozinhos. Não esperavam querer ficar juntos.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905036

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4

Capítulo 1 - As condições que não estavam no briefing 10

Capítulo 2 - O que não se vê 20

Capítulo 3 - As coisas que não podem ser planejadas 31

Capítulo 4 - Fora do horário de trabalho 43

Capítulo 5 - Limites que Merecem Ser Respeitados 59

Capítulo 6 - O som que permanece 72

Capítulo 7 - O Dia Seguinte ao Beijo 84

Capítulo 8 - No Mundo Dele 93

Capítulo 9 - Aquilo que Não Faremos Separadamente 106

Capítulo 10 - Não Apenas Por Um Momento 119

Capítulo 11 - A Proximidade Também Tem Suas Regras 133

Capítulo 12 - Quando o Silêncio se Torna uma Resposta 143

Capítulo 13 - O Preço de uma Escolha em Comum 155

Capítulo 14 - Aquilo que Podemos Perder 167

Capítulo 15 - Tudo o Que Não Dissemos 179

Capítulo 16 - O Lugar Que Fica Vazio 194

Capítulo 17 - Dois Ritmos Diferentes 205

Capítulo 18 - O Primeiro Passo Sem Garantias 214

Capítulo 19 - Não Basta Querer 227

Capítulo 20 - Exatamente Onde Você Está 239

INTRO

Três semanas depois do meu primeiro encontro com Baltazar Król, o ateliê cheirava a cola de encadernação, madeira e café que já havia esfriado fazia muito tempo. Sobre a mesa estavam espalhadas as páginas do nosso álbum: fotografias de mãos trabalhando, amostras de papel e pequenos textos que eu já havia revisado tantas vezes que começava a reconhecer minhas próprias frases apenas pelo ritmo. Eu deveria estar satisfeita. O projeto finalmente estava tomando forma, e eu sabia como levar as coisas até o fim, mesmo quando exigiam mais paciência do que eu costumava ter com as pessoas.

Naquela noite, porém, minha atenção estava muito mais voltada para o envelope escondido debaixo do caderno.

Não era grande. Dentro dele havia uma confirmação impressa de que minha proposta havia sido aceita para um projeto de vários meses fora de Poznań, acompanhada da data de início e das condições que eu já conhecia praticamente de cor. Precisava enviar minha resposta até sexta-feira. Restavam dois dias para assinar o contrato, organizar a viagem e contar tudo às pessoas que deveriam saber. A lista era curta. Baltazar não estava nela.

Aquela oportunidade não havia caído do céu. Durante anos, construí meu portfólio nas horas vagas, aceitei trabalhos que ninguém mais queria e aprendi a dizer não àqueles que exigiam que eu estivesse disponível vinte e quatro horas por dia. Aquele projeto era o primeiro, em muito tempo, que me oferecia não apenas dinheiro, mas também espaço para trabalhar à minha maneira. Eu seria responsável por todo o desenvolvimento, do início ao fim,

sem alterações de última hora feitas por outras pessoas. A viagem envolvia riscos, mas também representava uma oportunidade pela qual eu havia trabalhado muito. Não pretendia abrir mão dela só porque alguém havia aparecido em Poznań e, ao lado dele, uma noite comum era capaz de adquirir uma importância perigosamente grande.

Eu estava acostumada a uma vida em que tomava minhas próprias decisões. Ninguém me esperava com o jantar pronto, ninguém perguntava a que horas eu voltaria, e qualquer espaço livre na minha agenda me pertencia. Gostava daquela liberdade. Às vezes, até mais do que admitia diante dos amigos.

Não era porque Baltazar não tivesse o direito de saber. Simplesmente não havíamos combinado compartilhar planos que não tivessem relação com o álbum. Essa era a versão sensata. A versão que eu repetia para mim mesma desde o momento em que vi seu nome na mensagem da editora e percebi que nossa colaboração duraria mais do que eu havia imaginado inicialmente.

Empurrei o envelope um pouco mais para baixo do caderno quando ouvi passos no corredor. Baltazar já não batia à porta com a mesma hesitação das primeiras visitas. Duas batidas curtas eram mais um aviso educado do que uma pergunta pedindo permissão.

— Posso entrar?

— Se trouxe a amostra corrigida, deveria até entrar.

Ele apareceu carregando um pacote achatado, embrulhado em papel pardo. Vestia uma camisa escura com as mangas dobradas até os cotovelos, e havia um pouco de pó claro em um dos punhos, algo que ele não havia percebido ou simplesmente não considerava importante o

suficiente para remover. Parou ao lado da mesa e olhou primeiro para as páginas espalhadas. Só depois voltou os olhos para mim.

— Eu não sabia que uma designer de livros podia ameaçar os convidados antes do jantar.

— Não é uma ameaça. É um sistema de motivação.

— Funciona?

— Depende da qualidade da amostra.

Ele sorriu, e senti novamente aquele prazer pouco prático que surgia quando seu rosto se suavizava. Baltazar não tentava ser encantador. Não preenchia os silêncios com piadas nem procurava chamar a atenção. Escutava antes de responder e geralmente se lembrava de algum detalhe que passava despercebido para os outros. Ao lado dele, era difícil fingir que eu dizia alguma coisa apenas por educação.

Ele desembrulhou o papel. Dentro havia uma estrutura de madeira para o exemplar de teste, fina e cuidadosamente acabada. Na borda, havia preservado o desenho natural dos veios da madeira, em vez de escondê-lo. Passei o dedo pela superfície lisa, com cuidado para não deixar marcas.

— Está linda — eu disse.

— É funcional. A beleza é um bônus.

— Você fala como se não tivesse passado metade do dia escolhendo o tom da madeira.

— Não passei metade do dia. Foram apenas algumas horas.

— Ah, claro. É completamente diferente.

Ele se sentou à minha frente. Durante alguns minutos, conversamos sobre as proporções, o sistema de fixação e

se a lombada resistiria a aberturas frequentes. Ele tinha razão sobre a dobradiça, eu tinha razão sobre a largura da margem. Já não precisávamos explicar cada decisão desde o começo. Aquela facilidade era uma das coisas de que eu não havia planejado gostar.

Quando ele se inclinou sobre a página dupla, seu braço ficou perto do meu. Não me tocou. Não precisava. Eu já conhecia seu cheiro: madeira, sabonete e alguma coisa fresca, que lembrava o ar entrando no ateliê quando a porta era aberta. Afastei uma folha para lhe dar espaço, embora houvesse espaço suficiente.

— Você mudou a ordem das fotografias — observou ele.

— Sim. No começo, queria mostrar as ferramentas primeiro, mas agora acho melhor começar pelas mãos. O leitor precisa ver a pessoa antes do objeto.

— Parece sensato.

— Não se acostume. Às vezes também tenho ideias pouco sensatas.

— Já percebi.

Ele disse aquilo calmamente, sem ironia. Olhei para ele, tentando descobrir se estava se referindo à maneira como eu costumava mudar de opinião ou a alguma outra coisa que ainda não havia colocado em palavras. Baltazar desviou os olhos para a fotografia de um luthier inclinado sobre a caixa acústica de um instrumento. Ele sempre me dava tempo quando eu não queria responder. Eu começava a suspeitar que aquela atenção não era apenas uma de suas qualidades. Também poderia ser uma maneira de esconder as próprias perguntas.

— A editora quer fechar a diagramação antes do fim do mês — falei. — Se mantivermos esse ritmo, conseguiremos.

— Conseguiremos, desde que você não revise cada legenda seis vezes.

— Cinco são suficientes?

— Posso negociar.

Ri, e ele continuou olhando para mim um segundo a mais do que a conversa exigia. Naquele instante, pensei que poderia contar sobre o envelope. Não precisaria explicar todo o plano. Bastaria uma frase: recebi uma proposta, vou embora por alguns meses, ainda não sei o que vai acontecer depois. Não estaria pedindo sua autorização nem seu conselho. Queria apenas descobrir como a verdade soaria quando dita na presença dele.

Em vez disso, fechei o caderno.

— Amanhã vou precisar sair mais cedo — disse. — Tenho algumas coisas para resolver.

— Claro.

Ele respondeu rápido demais. Não perguntou que coisas eram aquelas. Não tentou me manter à mesa, embora, até poucos instantes antes, estivéssemos conversando como se a noite não tivesse fim. Levantou-se e começou a dobrar o papel pardo, alisando cuidadosamente cada vinco.

— Pode deixar a estrutura aqui. Amanhã de manhã vou fotografá-la com luz natural.

— Tudo bem.

— E, Baltazar?

Ele levantou a cabeça.

— Sim?

Por um instante, tive uma frase na ponta da língua que poderia mudar o rumo daquela conversa. Eu poderia

perguntar se ele gostaria de saber para onde eu iria antes mesmo de eu tomar minha decisão. Também poderia dizer que já não tinha tanta certeza de que a viagem parecia tão simples desde que comecei a esperar pelas visitas dele. Nenhuma dessas frases combinava com as regras que eu mesma havia estabelecido.

— Nada. Até amanhã.

Ele assentiu. Ao chegar à porta, ainda se virou por um momento, como se também estivesse procurando as palavras certas, mas acabou saindo sem dizê-las.

Fiquei sozinha, com a estrutura de madeira sobre a mesa e o envelope, cuja ponta voltara a aparecer por baixo do caderno.

Eu tinha um plano. Era sensato, concreto e pertencia somente a mim. Então por que o silêncio dele soou como algo que eu poderia perder antes mesmo de ter coragem de admitir que queria aquilo?

Capítulo 1 - As condições que não estavam no briefing

Entrei no ateliê de Baltazar Król com uma pasta debaixo do braço, duas impressões da proposta do álbum e a convicção de que a parte mais difícil daquela reunião duraria, no máximo, meia hora. Eu já havia conversado com a editora, preparado um orçamento preliminar, organizado um cronograma e passado várias semanas trabalhando em uma ideia que me agradava cada vez mais. Precisava apenas da aprovação de um homem cujo nome havia sido recomendado como o de um dos melhores luthiers de Poznań. No meu calendário, a reunião ocupava quarenta e cinco minutos. Havia reservado outros quinze para eventuais negociações.

Não considerei a possibilidade de que o anfitrião não estivesse interessado nem no meu cronograma, nem na editora, muito menos no dinheiro.

O ateliê ficava no térreo de um antigo prédio residencial, em uma sala cujas janelas altas davam para um pequeno pátio interno. Assim que atravessei a entrada, senti o cheiro de madeira, verniz e alguma coisa levemente resinosa. Ao longo de uma das paredes havia prateleiras com tábuas de diferentes tonalidades, cuidadosamente identificadas por pequenas etiquetas de papelão. Na outra extremidade do cômodo ficava uma bancada de trabalho, acima da qual havia uma fileira de ferramentas penduradas com tanta precisão que parecia ter sido planejada por um arquiteto. Não havia objetos colocados ali por acaso. Até o copo com lápis estava exatamente junto à borda da mesa.

O homem inclinado sobre um instrumento não levantou a cabeça quando entrei.

— Senhor Baltazar Król?

— Depende de quem está perguntando.

— Inga Domańska. Liguei a respeito do álbum.

— Eu sei. Não fique perto da porta. A corrente de ar atrapalha o trabalho.

Fechei a porta atrás de mim. Pendurei o casaco no cabideiro e procurei um lugar onde pudesse colocar a pasta. Foi então que o homem se endireitou e deixou a ferramenta de lado. Era mais alto do que eu imaginava, tinha cabelos escuros com fios grisalhos bem visíveis nas têmporas e um rosto cujos traços marcantes não haviam sido apagados pelo cansaço. Não parecia alguém que precisasse de confirmações sobre o próprio valor. Parecia, antes, alguém que havia deixado de buscar a aprovação dos outros fazia muito tempo.

— Bom dia — falei.

— Bom dia.

Apertamos as mãos. A dele era quente, áspera em pontos que nenhum cuidado pessoal conseguiria suavizar. O aperto foi firme, mas breve. Ele indicou uma cadeira junto a uma pequena escrivaninha.

— A editora comentou que a senhora quer fazer um livro sobre artesanato.

— Um álbum sobre o trabalho manual. Não apenas sobre os objetos, mas também sobre as pessoas que os criam. Sobre as decisões, a técnica, o tempo e tudo aquilo que não aparece no produto final.

— Soa bonito.

— Obrigada.

— Não disse que vai ficar bonito no papel.

Parei com a mão sobre a pasta.

— Normalmente prefiro avaliar os projetos depois de conhecê-los melhor.

— Eu também.

Ele não sorriu, então, por um instante, não tive certeza se estava brincando. Decidi não começar explicando como funcionava o mercado editorial. Abri a pasta e coloquei a primeira prancha diante dele.

O álbum teria uma apresentação elegante, mas discreta. Fotografias grandes, textos curtos e um ritmo visual bem definido entre as páginas. Eu não queria criar um catálogo de objetos nem mais uma publicação que apresentasse o artesanato como uma alternativa moderna à produção industrial. O que me interessava era tudo o que acontecia entre a primeira ideia e o objeto pronto. As mãos, as ferramentas, os erros, as correções e as decisões que não podiam ser tomadas seguindo simplesmente um manual pronto.

Baltazar examinou as pranchas em silêncio. Não me interrompeu enquanto eu explicava a estrutura dos capítulos, a proposta para as fotografias e o conteúdo dos textos. Percebi que demorou um pouco mais diante da imagem de uma oficina onde havia objetos inacabados espalhados sobre a bancada.

— É esse tipo de fotografia que a senhora pretende usar? — perguntou.

— Sim. Quero mostrar o trabalho, não apenas o resultado.

— E por que todas as ferramentas desta fotografia estão limpas?

Olhei para a prancha.

— É uma imagem ilustrativa.

— Entendo. Então as ferramentas foram limpas, organizadas e fotografadas para parecerem usadas, mas não usadas demais.

— Nem tudo pode ser encontrado em bancos de imagens exatamente como precisamos.

— Nesse caso, talvez valha a pena visitar uma oficina de verdade.

Recostei-me na cadeira.

— Foi justamente por isso que vim até aqui.

— Só peço que não espere que eu mude a rotina de trabalho para que tudo fique bonito no enquadramento.

— Não espero isso.

— E também não vou fingir que todos os instrumentos são feitos sem erros.

— Muito menos espero isso.

Pela primeira vez, ele me olhou com um interesse mais evidente.

— Ótimo. Porque, na semana passada, conversei com um sujeito que queria fazer um filme sobre o artesanato tradicional. Ele queria que eu mostrasse apenas os momentos bonitos. Precisei repetir o mesmo movimento três vezes porque, na primeira tentativa, o enquadramento não ficou suficientemente impressionante para ele.

— Não vamos encenar o trabalho.

— Todo mundo diz isso no começo.

— E todo artesão acha que o designer quer organizar a vida dele?

— Não todos. Apenas aqueles que já tiveram alguma experiência com designers.

Dessa vez, ele esboçou um sorriso. Foi um movimento discreto no canto da boca, mas transformou seu rosto mais do que eu esperava. Não era um homem particularmente comunicativo, porém sabia escutar de uma maneira que exigia precisão de quem falava. Aquilo começava a me irritar. E, ao mesmo tempo, a me agradar.

Deslizei a segunda prancha em sua direção. Ela apresentava uma proposta de página dupla sobre o processo de fabricação de um instrumento de cordas.

— Gostaria de dedicar um dos principais capítulos ao trabalho com madeira. Não a uma descrição genérica, mas a um exemplo concreto. Desde a escolha do material até os últimos ajustes.

— Qual instrumento?

— Depende do que o senhor considerar o melhor exemplo.

— Não se escolhe um instrumento em função de um capítulo.

— E em função de quê?

— Da pessoa que vai tocar. Das necessidades dela. Das mãos dela. Da maneira como escuta o som. É possível construir um instrumento lindo que não seja adequado para determinado músico.

Anotei aquela frase na margem da página. Baltazar percebeu o movimento da minha caneta.

— Já está anotando?

— É uma boa observação.

— Não a registre como citação ainda. Primeiro precisamos verificar se realmente falei isso.

— E como devo verificar?

— Venha, escute, observe.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando por cima das pranchas espalhadas. Não havia nada de particularmente extraordinário na proposta dele, mas, pela primeira vez desde o início da reunião, senti que estávamos falando da mesma coisa. Não de promover o artesanato, nem de produzir um livro bonito, mas de algo que realmente tinha importância para ele.

— Também gostaria de fazer alguns retratos — falei.

— Não gosto de fotografias.

— Não precisa gostar.

— Então por que fazê-las?

— Porque não quero que o álbum seja apenas uma coleção de mãos anônimas. Quero mostrar as pessoas por trás do trabalho.

— Nem todo mundo quer ver a própria imagem impressa em um livro.

— Não pretendo obrigar ninguém.

Ele aproximou uma das pranchas e ficou olhando para a figura de um homem junto a uma bancada de marcenaria.

— E se eu me recusar?

— Procurarei outra solução.

— Sem tentar me convencer de que estou perdendo a oportunidade da minha vida?

— Sem isso. Não estou vendendo sonhos de fama.

— Ótimo. Não tenho tempo para fama.

Comecei a rir antes mesmo de conseguir me conter. Baltazar também sorriu, dessa vez com um pouco mais de espontaneidade.

Foi justamente naquele momento que uma mulher entrou no ateliê, carregando uma bolsa grande sobre o ombro. Cumprimentou-o e colocou uma pequena caixa sobre a escrivaninha.

— Estou deixando aquilo de que conversamos. Dê uma olhada quando tiver um tempinho.

— Certo, obrigado.

A mulher olhou para mim com curiosidade educada.

— Um novo projeto?

— Talvez — respondeu Baltazar.

Não havia entusiasmo nem recusa em sua voz. A mulher se despediu e saiu. Percebi que Baltazar esperou até a porta se fechar antes de retomar nossa conversa.

— O senhor tem muitos clientes? — perguntei.

— O suficiente.

— Não tem receio de que participar do projeto tome muito do seu tempo?

— Tenho mais receio de que alguém tome meu tempo e depois transforme meu trabalho em algo que eu não queira assinar.

Foi a primeira coisa que ele disse sem qualquer proteção. Entendi que o problema não era simplesmente sua aversão a ser fotografado. Ele queria ter certeza de que não se tornaria um mero enfeite na história de outra pessoa.

Fechei a pasta, mas não guardei as pranchas.

— Vou propor outra coisa. Começamos com uma visita experimental. Sem qualquer compromisso de publicação. O senhor me mostra o processo, e eu apresento uma proposta de página dupla. Se achar que não compreendi o que está fazendo, encerramos a conversa.

— E se eu achar que a senhora não entende de livros?

— Nesse caso, terei que me esforçar mais.

Ele me observou por alguns segundos. Não havia hostilidade naquele olhar, mas também não havia uma concordância fácil.

— A senhora sempre negocia assim?

— Apenas quando me importo com o projeto.

— E se importa?

— Sim.

— Por quê?

A pergunta me surpreendeu mais do que deveria. Eu poderia ter respondido que o tema era interessante, que a editora tinha um orçamento razoável e que o álbum seria um bom complemento para meu portfólio. Tudo seria verdade, mas nenhuma daquelas respostas expressava o que realmente me atraía.

— Porque estou cansada de livros que fingem que as coisas simplesmente aparecem prontas. Quero mostrar as pessoas que dedicam tempo, conhecimento e paciência ao que fazem. Quero que alguém que pegue esta publicação nas mãos veja algo além de um objeto bonito.

Baltazar assentiu, como se estivesse avaliando minha resposta.

— Amanhã trabalho a partir das oito.

— Posso chegar às nove.

— Às oito e meia. Depois começo a trabalhar em um instrumento e não terei tanto tempo disponível.

— Tudo bem.

— Venha sem fotógrafo.

— Não pretendia trazer nenhum.

— E sem um roteiro de fotografias já preparado.

— Isso vai ser difícil.

— Nesse caso, tente.

Levantei-me e recolhi meus materiais. Quando fui pegar o casaco, percebi que Baltazar já havia voltado à bancada de trabalho. Não me acompanhou até a porta, mas também não havia desprezo naquele gesto. Parecia simplesmente ter retomado a atividade que havia interrompido.

— Até amanhã — falei.

— Até amanhã, senhora Inga.

Do lado de fora, o ar estava mais frio do que pela manhã. Peguei o celular e abri imediatamente o calendário para reorganizar dois compromissos. Uma mudança de planejamento não deveria me surpreender. No trabalho, muitas vezes era necessário adaptar-se a pessoas que não funcionavam de acordo com os horários de uma editora.

Mesmo assim, enquanto caminhava em direção ao carro, continuava pensando na última pergunta dele. Por que aquele projeto era tão importante para mim?

Eu sabia a resposta. Só não pretendia admitir que parte daquela curiosidade começava a envolver também o homem sentado à bancada do ateliê, capaz de questionar uma

concepção cuidadosamente preparada com apenas uma frase.

No dia seguinte, descobriria se era capaz de trabalhar com alguém que não pretendia facilitar minha tarefa.

E se eu realmente queria que ele a facilitasse.

Capítulo 2 - O que não se vê

Cheguei às oito e vinte e cinco. Não gostava de atrasos, mas gostava ainda menos de chegar cedo demais a lugares onde não sabia se minha presença era bem-vinda. Dessa vez, decidi não testar a paciência do anfitrião. Tinha um pequeno caderno, uma câmera fotográfica e uma folha impressa com a proposta de colaboração nas mãos. Não levei o notebook nem uma pasta cheia de referências visuais. Baltazar havia deixado bem claro que não precisava de outra apresentação.

A porta estava entreaberta. Bati e entrei apenas alguns instantes depois.

— Pontual — disse ele, sem se virar da bancada.

— Isso é um elogio?

— É uma constatação.

— Vou aceitar.

Sobre a bancada havia uma tábua de madeira clara, com uma tonalidade ligeiramente dourada. Baltazar trabalhava nela com uma pequena ferramenta, executando movimentos tão tranquilos e regulares que, por alguns instantes, esqueci o motivo da minha visita. Não havia nada de exibicionista naqueles gestos. Ele não fazia movimentos para impressionar quem estivesse observando. Cada um tinha um objetivo específico, e suas mãos paravam exatamente no momento em que era necessário verificar o resultado.

Não queria interrompê-lo. Tirei o casaco e o pendurei no cabideiro.

— Pode se aproximar — disse ele depois de um instante. — Só peço que não toque na superfície.

Parei do outro lado da bancada.

— Que tipo de madeira é essa?

— Abeto.

— Para o tampo?

— Sim.

— Parece diferente das fotografias que vi.

— Porque as fotografias geralmente mostram instrumentos prontos. Aqui a senhora tem um material que está apenas começando a contar sua história.

— O senhor sempre fala assim?

— Assim como?

— Como se a madeira tivesse opinião própria.

— Às vezes tem. É preciso apenas saber quando parar de ignorá-la.

Ele deixou a ferramenta de lado e empurrou a tábua na minha direção, sem permitir que eu a tocasse.

— Olhe contra a luz.

Inclinei-me. Na madeira, percebi linhas finas e irregulares que, em outra situação, eu provavelmente teria considerado imperfeições.

— Isso é um problema?

— Não. Mas é preciso saber o que fazer com elas. Não se escolhe um material apenas porque ele parece bonito. Também importa a maneira como vai se comportar.

— Então a primeira decisão acontece antes mesmo de o trabalho propriamente dito começar.

— A primeira decisão acontece quando a pessoa deixa de acreditar que tudo pode ser consertado depois.

Anotei a frase. Dessa vez, ele não protestou.

Perguntei se poderia tirar algumas fotografias. Ele concordou, desde que eu não pedisse que repetisse nenhum movimento. Ajustei a câmera, escolhi a lente e comecei com um enquadramento amplo, mostrando a bancada, as ferramentas e a luz que entrava pela janela. Não queria fotografar apenas as mãos. Preferia registrar a relação entre o homem e o espaço onde trabalhava.

Baltazar não prestava atenção à câmera. Voltou à atividade, e pude observá-lo sem precisar conduzir uma conversa. Percebi que colocava cada ferramenta sempre no mesmo lugar, mas aquilo não parecia um ritual rígido. Simplesmente sabia onde precisaria encontrá-la dali a pouco. Quando interrompia o trabalho, não era porque alguma coisa havia distraído sua atenção. Ele parava para examinar o resultado.

Depois de alguns minutos, afastou a tábua.

— E então, o que a senhora está vendo?

Abaixei a câmera.

— Um homem que não gosta de ser interrompido.

— Isso a senhora já sabia ontem.

— Um homem que não se apressa só porque alguém está esperando por um resultado.

— Melhor.

— E alguém que leva o material mais a sério do que a maioria das pessoas leva o produto acabado.

— Não é uma resposta ruim.

Sentei-me em uma cadeira junto à parede. Tirei mais algumas fotografias das prateleiras, das pequenas

ferramentas e das etiquetas de identificação. Em uma delas, havia uma data de alguns anos atrás. Perguntei sobre aquilo.

— O material estava esperando sua vez — explicou. — Nem toda madeira está pronta para ser utilizada imediatamente.

— Quanto tempo pode esperar?

— Depende do que será feito com ela e de como foi preparada.

— Então a paciência faz parte da profissão.

— A paciência faz parte de muitas profissões. A diferença é que nem todo mundo tem a oportunidade de colocá-la em prática.

Não perguntei o que ele queria dizer. Em vez disso, mostrei a primeira sequência de fotografias na tela da câmera. Ele passou por elas lentamente, parando naquelas em que suas mãos apareciam. Não fez comentários de imediato.

— A senhora não mostra a bancada inteira.

— Porque assim desaparece o que realmente importa.

— E o que é mais importante?

— Aquilo em que o senhor está concentrado naquele momento.

Ele olhou para mim por cima da câmera.

— A senhora observa bem.

Não respondi. Recebi aquela frase com uma satisfação maior do que deveria. No meu trabalho, elogios não eram raros, mas geralmente se referiam ao resultado. Ali, alguém havia percebido a própria maneira como eu chegava a uma solução.

Fomos até a escrivaninha, onde abri a folha com a proposta de colaboração. Não queria deixar a conversa sobre as regras para depois. Sabia que, se pretendíamos criar algo juntos, precisávamos estabelecer limites antes de nos acostumarmos com a presença um do outro.

— Minha proposta é tratarmos esta parte do álbum como uma história independente — comecei. — Não um catálogo de instrumentos, mas o relato de um único processo. Desde a escolha da madeira até o instrumento pronto. Com textos, fotografias e pequenos comentários técnicos.

— E os outros artesãos?

— Terão capítulos próprios. Cada um receberá seu espaço. Mas não quero que todos sejam construídos seguindo exatamente o mesmo modelo. No seu caso, o mais importante será o processo de fabricação do instrumento.

— Não quero falar sobre um cliente específico.

— Não precisa.

— Não vamos mostrar nenhum instrumento cujo proprietário não tenha autorizado.

— Claro.

— E nada de nomes.

Anotei mais aquelas condições.

— Vou consultar o senhor sobre o conteúdo técnico antes da publicação. Não quero cometer um erro que depois seja reproduzido por alguém que considere o livro uma fonte de conhecimento.

— Tudo bem. Mas também não quero revisar seus textos do ponto de vista literário.

— Não espero isso. O senhor responde pelos fatos, eu pela maneira de apresentá-los.

— E se a maneira de apresentar não for honesta?

— Então conversaremos.

— Isso não é uma resposta.

Deixei a caneta sobre a mesa.

— Não vou prometer que o senhor terá o direito de aprovar o livro inteiro. Sou responsável pela edição e pela forma final da publicação. Posso, no entanto, garantir que não publicarei informações falsas sobre seu trabalho nem utilizarei as fotografias de uma maneira com a qual não tenhamos concordado.

Ele me observou por um longo instante. Tive a impressão de que estava avaliando não tanto o conteúdo da resposta, mas se eu seria capaz de sustentar minha posição quando alguém não concordasse com ela.

— Ou seja, o senhor não terá a última palavra — acrescentei.

— Não preciso da última palavra. Preciso saber que a minha primeira será ouvida.

Aquela frase me fez parar por um momento. Não havia reclamação nem tentativa de obter vantagem. Ele a pronunciou calmamente, como quem descrevia uma condição sem a qual nenhuma colaboração faria sentido.

— Nesse caso, podemos trabalhar — respondi.

Deslizei a folha em sua direção. Acrescentamos mais alguns pontos: datas das visitas, possibilidade de interromper as fotografias, proibição de interferir nos trabalhos particulares e regras para o uso de materiais promocionais. Baltazar não queria que seu nome aparecesse